

**“Minha literatura contribui para quebrar o mito da democracia racial brasileira”, diz Conceição Evaristo**

**Português**

Enviado por: \_kkpi@seed.pr.gov.br

Postado em:20/03/2018

Por Paloma Varón Escritora e poeta brasileira nascida em Belo Horizonte em 1946, ela cresceu numa favela, cercada de mulheres. Se formou professora e fez carreira no Rio de Janeiro. Começou a escrever tarde e foi reconhecida ainda mais tardiamente. Hoje tem romances traduzidos para o francês, inglês e espanhol e faz parte de antologias publicadas no mundo inteiro. Ganhou os mais importantes prêmios de literatura do Brasil, incluindo o Jabuti, e foi a convidada especial da Flip, a festa literária de Paraty do ano passado. O RFI Convida de hoje recebe Conceição Evaristo, que está em Paris para participar do Salão do Livro, onde lança a sua obra mais recente, Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Ela já tem outros dois livros traduzidos para o francês e vem pela segunda vez ao evento na França, onde é comparada à escritora americana negra Toni Morrison, ganhadora de um Pulitzer e um Nobel. Para Evaristo, toda literatura pode trazer a vivência e a subjetividade de quem escreve, &ldquo;mas talvez algumas literaturas e algumas narrativas tragam muito mais&rdquo;. Ela explica: &ldquo;Estas narrativas são justamente o lugar destas pessoas colocarem as suas entidades. E, no caso das mulheres, no caso das mulheres negras, no caso dos grupos ou das comunidades que sofreram processos de subalternização, a literatura é o lugar de liberdade, de denúncia, então eu acho que fica muito marcada esta subjetividade individual e dos grupos&rdquo;. Educação &ldquo;A educação é o meio [para a ascensão social no Brasil], mas é também uma esperança, porque muitas vezes você estuda, você tem uma certa competência, mas há outras interdições sociais que não permitem ou que te bloqueiam o caminho&rdquo;, disse a escritora. &ldquo;Nem todas as mulheres que têm uma competência profissional estão encaixadas no mercado de trabalho. Nem todos os negros e negras que têm uma competência profissional estão encaixados. Então a gente pode pensar que o racismo muitas vezes deixa de reconhecer a competência destas pessoas. Mas sem sombra de dúvidas a educação é um meio e deveria ser um meio para todas e todos&rdquo;, declara. Ativismo como compromisso Conceição Evaristo se considera ativista da causa negra. &ldquo;Eu me considero ativista, sim, e tenho este compromisso. Quando eu trabalhei na educação, como professora, este era também o meu compromisso. Em momento algum eu esqueço que eu tenho este compromisso, esta militância. E hoje mais ainda, até por causa do alcance de minha voz. Eu não posso chegar nos lugares e silenciar sobre a condição do negro brasileiro&rdquo;, avalia. &ldquo;Acho que a minha literatura contribui para quebrar o mito da democracia racial brasileira. Não só a minha, mas a literatura de autoria negra, de homens e mulheres. Nós apresentamos uma outra narrativa dentro do próprio sistema literário brasileiro. Acho que é uma especificidade que a nossa narrativa traz, essa voz negra como sujeito autoral de si próprio&rdquo;, analisa. Sobre os casos de racismo recentes nas instituições universitárias paulistas, ela diz acreditar que a literatura e o ativismo podem contribuir para melhorar o cenário. &ldquo;Primeiro, por criar uma consciência. Eu vejo muitos acadêmicos, muitos professores, pessoas não negras, em minhas palestras, que depois chegam perto de mim e falam: &lsquo;Nossa, eu nunca tinha pensado que o racismo pudesse ser tão cruel&rsquo; ou &lsquo;Eu nunca tinha me reconhecido como racista&rsquo;. Então eu acho que este discurso literário e o meu discurso

mesmo como pessoa &ndash; e de outras e outros negros &ndash; tem um papel importante na conscientização de brancos e negros na sociedade brasileira&rdquo;, observa. Angela Davis, apartheid e descolonização Ela conta que recebeu a influência dos negros americanos nas lutas pelos direitos civis. &ldquo;O meu cabelo black power é influência de Angela Davis. Nós somos contemporâneas, nós temos a mesma idade, então na minha juventude, quando eu vi uma jovem tão lúcida, tão comprometida, isso me influenciou&rdquo;, revela. &ldquo;Nós somos marcados pela postura de Angela Davis, pelo discurso de Luther King, pela reflexão de Mandela, que naquele momento ainda estava preso. Então pensar o apartheid na África do Sul e o apartheid americano era pensar também o apartheid brasileiro&rdquo;, considera a ativista. &ldquo;As lutas de libertação das ex-colônias africanas, principalmente as portuguesas, que estavam muito próximas da gente, até pela língua portuguesa, então todas estas lutas mundiais em que os negros estavam, desde a África até a diáspora, foram lutas que marcaram muito a nossa formação como militantes negros brasileiros&rdquo;, conclui.

---

\_\_\_\_ Este conteúdo foi acessado em 20/03/2018. Ele foi publicado em 14/03/2018, no site As vozes do mundo. Todas as informações nele contido são de responsabilidade do autor.